

2012

Filhos da Misericórdia



RAFAEL HENRIQUE GUSSO ROSADO
MAGIS 4
CVX BRASIL - SUL

RAFAEL HENRIQUE GUSSO ROSADO

FILHOS DA MISERICÓRDIA

Trabalho apresentado à PUJ (*Pontifícia Universidad Javeriana – Bogotá – Colômbia*) para conclusão do módulo de Eclesiologia do *Programa de Formação CVX Magis IV Latino América 2010-2014*, feito sob orientação da professora Andréia Cristina Serrato, Mestre em Teologia.

Curitiba – Brasil

2012

<http://www.youtube.com/watch?v=p750SdRJ>



CERTEZA

*Eu trago uma canção
Dentro do meu coração
Cheia de alegria,
Que eu guardava até então e não saía.*

*Não sei se por medo ou melancolia,
Mas tinha certeza que um dia,
Ela acordaria,
Pra fazer todo homem acordar,
Cada braço lutar, cada rosto sorrir.*

*Pra fazer a ciranda girar,
Cada mão se empenhar em um só construir.
Pra fazer você descobrir
Que as coisas de Deus estão por fazer.*

*E a força não pode, não vai deter,
O que tem de acontecer
E a força não pode, não vai deter,
O que tende acontecer.¹*

¹ Nizan Guanaes e Grace Gomes. Certeza. In: Grupo OPA. **Gente Boa**.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	4
1. Jesus e a Igreja.....	5
1.1. O projeto de Jesus.....	5
1.2. A comunidade	6
1.3. A nova Lei	7
1.4. Qual Igreja Jesus quis?	9
2. As primeiras comunidades e a Igreja nascente.....	11
2.1. Uma Igreja movida pelo Espírito	11
2.2. Necessidade de Organização.....	13
2.3. Discernindo o rumo do Espírito.....	14
2.4. Antecipando algumas conclusões	15
3. Um caminho de discernimento	16
3.1. Clareando um conceito	16
3.2. Nossa herança	17
3.3. Aprofundando o Desafio	18
3.4. Nossa resposta	19
3.5. CVX Sul – assumindo a responsabilidade pelo seu espaço	21
3.6. Deixar que a Igreja se construa	26
4. A Igreja do Pai de Misericórdia	26
4.1. A rejeição do filho mais jovem	27
4.2. O ressentimento do filho mais velho	27
4.3. A acolhida do Pai	28
4.4. A Igreja que eu quero é a Igreja que eu faço	30
CONCLUSÃO	31
BIBLIOGRAFIA	33

INTRODUÇÃO

Este ano de 2012, em meio à experiência do Retiro Quaresmal feito na vida corrente, dei nome a um sentimento que tive em oração. Senti-me “Filho da Misericórdia”. Dar nomes aos sentimentos é um aprendizado recomendado por Inácio de Loyola àqueles que fazem os exercícios espirituais. Praticando, ficamos mais atentos às moções que nos são dadas e que se repetem ao longo da vida e, por isso, nos tornamos capazes de discernir a vontade de Deus no cotidiano.

Jamais tive a pretensão de que o termo “Filho da Misericórdia” se tornasse uma categoria teológica ou objeto de estudo. Simplesmente passei a empregar esse termo cada vez que olhava para o lado e via que as coisas na minha vida e da minha comunidade não aconteciam por mim, ou por meus méritos, mas porque Deus, em sua imensa bondade, apesar de meus inúmeros desvios, insistia em me acolher e me cobrir com sua graça.

E foi exatamente esse sentimento – dessa vez relativo à nossa Igreja – que se repetiu durante a leitura do livro *Eclesiogênese*, de Leonardo Boff. Ao ler, tenho uma metodologia de estudo, na qual escrevo aquilo que mais me marcou ao final de um capítulo ou de uma seção e, na leitura desse livro, não encontrei outra expressão para escrever que não fosse “A Igreja é filha da misericórdia”.

Nasce daí o conteúdo deste ensaio. Se a Igreja chegou até aqui graças à misericórdia divina, ela só será aquilo que deve ser, só será fiel à sua missão e ao estilo de Jesus Cristo, se for a “Igreja do Pai Misericordioso”.

Quero reforçar aqui que não pretendo encerrar o conceito de Igreja nesta terminologia. Inácio, nos exercícios², também diz que não é o muito saber que sacia e satisfaz, mas o sentir e saborear internamente as coisas. Por isso, recomenda que, durante uma oração, não tenhamos pressa. Não é preciso chegar ao final da leitura, ou cumprir metas. Se algo lhe chama a atenção, você deve deter-se nisso. Este ensaio significa que me detive nessa moção que me foi tão significativa. Portanto, quero apenas tirar proveito dela, “tanto quanto”³ ela me ajude. Espero que possa ser também útil ao nobre leitor.

O caminho a ser percorrido para se chegar ao modelo de Igreja do Pai Misericordioso começará com uma fundamentação na pessoa de Jesus e no caminhar das primeiras comunidades cristãs. Extrairemos daí os elementos que nos levarão a afirmar que o método para construir esse modelo de Igreja é trilhar um caminho de discernimento. Finalmente, aprofundaremos o que significa ser essa Igreja.

² SANTO INÁCIO DE LOYOLA. **Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio**. 7ª ed. 2002, n. 2

³ O “tanto quanto” é uma expressão típica de Santo Inácio que aparece no número 23 dos Exercícios Espirituais para dizer que devemos usar tudo na medida certa: “há de usar [das coisas] tanto quanto o ajudem a atingir o seu fim, e há de privar-se delas tanto quanto dele o afastem”.

1. Jesus e a Igreja

1.1. O projeto de Jesus

Sabemos que a vida pública de Jesus tem seu começo bem marcado. Trata-se da decisão de deixar seu lar e ir ao encontro de João Batista para ser batizado. Às margens do Jordão, Jesus fez uma experiência decisiva e que o marcaria por toda sua vida: a de sentir-se um filho amado. “Este é o meu Filho amado, que muito me agrada” (Mt 3, 17).

João alertava que todo o Israel deveria converter-se, pois, do contrário, uma grande tragédia aconteceria em breve. Clamava por uma mudança de mentalidade que passava pelo arrependimento e pelo batismo. Quando foi assassinado, Israel perdeu aquele que preparava o povo para a vinda definitiva do Senhor, causando grande confusão entre seus seguidores, que ficaram desorientados.

A reação de Jesus foi surpreendente. Ao invés do abatimento, a esperança. O filho amado dá então início a um projeto novo, que nasce exatamente da convicção de que Deus atua na história, ouve o clamor do seu povo e jamais o abandona. O projeto de Jesus nasce da sua certeza de que Deus iria revelar a sua **misericórdia**.

Sua intuição crente e sua confiança total da misericórdia de Deus o levavam a transformar pela raiz aquilo que João esperava. [...] Jesus começava a ver tudo a partir da misericórdia de Deus. O que começa agora para este povo que não pôde levar a cabo sua conversão não é o juízo de Deus, mas o grande dom de sua salvação. Nesta situação desesperada o povo irá conhecer a incrível compaixão de Deus, não sua ira destruidora⁴.

A perspectiva de Jesus é completamente nova! Não se trata mais de se preparar para o fim próximo, mas sim de tornar visível a realidade já presente do Reino de Deus.

O Reino de Deus não vem ostensivamente. Nem se poderá dizer: ‘Está aqui’ ou: ‘está ali’, porque o Reino de Deus está no meio de vocês (Lc 17, 20-21).

Aquilo que o povo esperava já era realidade. Jesus via isso e queria exatamente anunciar esta presença, revelando-a especialmente aos pobres e excluídos do seu tempo. O projeto de Jesus passa a ser anunciar essa “Boa Notícia”. Aqueles que ouvem, convertem-se, são transformados, não mais no sentido de se preparar para o juízo, mas sim no sentido de acolher o perdão salvador de Deus.

Jesus proclama a todos a boa notícia, sem distinção, percorrendo toda a Palestina. Ele deixa de lado o jejum e a vida austera do deserto, típicas de João, pois sua mensagem é alegre! Ele adota um estilo festivo, de refeições acolhedoras e abertas a todos, para as quais convidava desde mendigos até fariseus. Acolhendo a todos como iguais, trazia a noção de igualdade e de dignidade de toda pessoa.

⁴ PAGOLA, José Antonio. **Jesus** – Aproximação Histórica. 2ª ed. 2010, p. 104.

Ele vai ainda mais longe! Em seu tempo, costumava-se associar doenças aos pecados. Jesus torna visível a misericórdia de Deus, dedicando-se a curas e atribuindo-as a fé da própria pessoa.

Não é nem preciso dizer que para Jesus ter fé era muito mais do que seguir as prescrições da Lei ou adotar uma doutrina. Para ele, fé é uma convicção muito forte. [...] É a convicção de que algo vai acontecer por ser uma coisa boa, ou seja, é a convicção de que o bem está acima do mal, ou ainda, é a convicção de que Deus não quer castigar o homem, Deus é bom para nós⁵.

Se a doença era associada ao pecado, a cura era associada ao perdão! Assim Jesus fazia as pessoas sentirem-se queridas por Deus, amadas, e estas, por sua vez, passavam a confiar mais em si mesmas. Em resumo, a prática de Jesus libertava a pessoa e criava um novo jeito de viver. Mas como fazer a boa notícia chegar a toda gente? Poderia essa ser uma tarefa exclusiva de Jesus?

Jesus certamente não curou a todos os enfermos das cidades por onde passou, e nem essa era a sua intenção. Ele não queria uma saída fácil para o sofrimento do mundo. Ele queria seguidores que pudessem continuar despertando a fé, lutando contra o sofrimento.⁶

Por isso, em sua prática, Jesus chama a outros para segui-lo, constituindo uma comunidade. Não é possível compreender essa comunidade separada do seu projeto.

[Jesus] Quer pôr imediatamente em marcha um movimento que anuncie a Boa Notícia de Deus: as pessoas precisam experimentar já sua força curadora; é preciso semear nos povoados sinais de misericórdia⁷.

1.2. A comunidade

A constituição dogmática da Igreja, *Lumen Gentium*, define assim o Povo de Deus:

Aprove a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente⁸.

Com essas palavras, afirma-se que o plano salvífico é comunitário: Deus não quer que nos salvemos sozinhos.

Essa intuição estava enraizada na pessoa de Jesus. Desde o princípio de sua vida pública, ele entende que é preciso reunir pessoas para levar adiante a missão que recebera do Pai, estando sempre cercado de amigos e colaboradores. Dentre estes, Jesus escolhe um grupo de doze, que passa a formar um círculo mais estável em torno dele. Nenhum deles é pessoa notória, como escriba ou sacerdote. São galileus, pescadores, camponeses, enfim, pessoas muito simples, sem muita instrução, que viviam do próprio trabalho. Não eram “santos”, mas sim indivíduos com seus defeitos e virtudes. Eram simplesmente pessoas que se sentiam atraídas, e que se deixavam atrair, por sua mensagem de esperança!

⁵ ROSADO, Rafael Henrique Gusso. **Despertar para o Encontro**. Curitiba: [s.n.], 2011, p. 10.

⁶ Ibidem, p.11.

⁷ PAGOLA, José Antonio. **Jesus – Aproximação Histórica**. 2ª ed. 2010, p. 334.

⁸ LG 9.

Ao escolher doze, Jesus certamente quis fazer uma alusão às doze tribos de Israel, ou seja, a **totalidade** de seu povo. Por isso, por detrás da formação dessa comunidade, não está só o desejo de espalhar uma mensagem, mas sim seu desejo profundo de um mundo completamente novo, logo, os doze revelam essa totalidade.

Sua figura rodeada por discípulos, em certo ponto, assemelhava-se às escolas rabínicas, bastante comuns em seu tempo. Porém, havia duas diferenças fundamentais: em uma escola, os alunos pediam para entrar e aprofundavam-se no estudo da lei; já no caso dos doze, haviam sido escolhidos, e não para aprender tradições religiosas e sim para compartilhar da **vida** e do **serviço** de Jesus.

Compartilhar da vida de Jesus significava perceber o que é uma vida dedicada ao Reino. Os discípulos aprenderam a se aproximar e ter compaixão dos enfermos, a defender a dignidade e a liberdade de cada pessoa, a acolher e compartilhar a mesa com os últimos da sociedade (prostitutas, mendigos, cobradores de impostos, etc.), a perdoar sem restrições, a celebrar com alegria a recuperação do pecador, a despertar a fé no povo, entre muitas outras coisas. Aprenderam tudo! De um modo especial, aprenderam também a rezar e **discernir**, e, dessa forma, a ler os sinais dos tempos: “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra. Vocês não dizem que faltam quatro meses para a colheita? Pois eu digo a vocês: ergam os olhos e olhem os campos: já estão dourados para a colheita” (Jo 4, 34-35).

Aprendendo a fazer a vontade de Deus e dedicando a vida ao outro, os discípulos aprenderam a viver em **liberdade**. Sem trabalho fixo, ou casa, tornam-se peregrinos. Já não precisavam se preocupar com cobradores de impostos ou com a estrutura do Império. Foram assim, cada vez mais, se aproximando daqueles que estavam à margem da sociedade e aprendendo a viver na insegurança, contando com a generosidade e hospitalidade de simpatizantes. E descobriram-se verdadeiramente alegres vivendo dessa maneira.

Podemos concluir que a comunidade formada por Jesus estava ali para a missão. Toda a vida da comunidade gira em torno dela, portanto a missão não é algo opcional ou pontual: é elemento constitutivo e permanente. Nas palavras de Carlos Mesters, “A comunidade cristã ou é missionária, ou não é comunidade cristã”⁹. Fazer parte da comunidade de Jesus é viver servindo em atitude de amor e, assim, ser **testemunha** do Reino de Deus. “Destas testemunhas [...] deslanchará a Igreja de Jesus”¹⁰.

1.3. A nova Lei

Já está claro que responder ao chamado de Jesus é um chamado radical, um chamado a um novo estilo de vida. Contudo, o rigor desse chamado nada tem a ver com o rigor da lei promovido por fariseus e doutores da lei.

⁹ MESTERS, Carlos. **Com Jesus na Contramão**. 15ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 79.

¹⁰ PAGOLA, José Antonio. **Jesus – Aproximação Histórica**. 2ª ed. 2010, p. 349.

Para estas classes, só poderiam ter acesso a Deus aqueles que estivessem puros. E observar a pureza significava seguir uma série de prescrições que tornavam a vida difícil e angustiante, além de custar muito dinheiro. Por isso, os pobres e marginalizados, além da questão material, sentiam-se privados de Deus, sendo realmente preteridos por Ele.

O rigor do seguimento é completamente diferente. Jesus jamais impõe normas que tornem ainda mais difícil a vida daqueles que o seguem. Ele quer disponibilidade total ao serviço do Reino. O rigor do seguimento está em fazer dom de si mesmo, de buscar a vontade de Deus e colocar a própria vida em função do outro. “Quem procura conservar a própria vida, vai perdê-la. E quem perde a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la” (Mt 10, 39). Para Jesus, o valor da pessoa e as suas necessidades estão acima de qualquer norma.

Então os fariseus perguntaram a Jesus: “Vê: por que os teus discípulos estão fazendo o que não é permitido em dia de sábado?” Jesus perguntou aos fariseus: “Vocês nunca leram o que Davi e seus companheiros fizeram quando estavam passando necessidade e sentindo fome? Davi entrou na casa de Deus, no tempo em que Abiatar era sumo sacerdote, comeu dos pães oferecidos a Deus e os deu também para os seus companheiros. No entanto só os sacerdotes podem comer desses pães.” E Jesus acrescentou: “O sábado foi feito para servir ao homem, e não o homem para servir ao sábado” (Mc 2, 23-27).

Jesus é movido pela compaixão e tem certeza da misericórdia de Deus, por isso não teme em aproximar-se de todas essas pessoas que estão privadas da presença d’Ele. E, ao fazer isso, não só transgredir a lei, como a supera. Ele jamais fica impuro com esse contato, pelo contrário, ele purifica. Com seus milagres, ele faz renascer a esperança, despertando a fé do povo. Jesus devolve Deus ao ser humano: as pessoas agora podem ter acesso a Ele.

E tudo isso Ele faz sem exigir contrapartida. Convida, dessa forma, pobres e pecadores a proclamar a gratuidade de Deus. Entenda a profundidade disso! Jesus está dizendo que com Deus não se negocia. Estar com Ele não é questão de mérito, de ser uma “pessoa certinha”, que cumpre todas as suas obrigações e segue determinados rituais. Estar com Ele passa necessariamente pelo outro. A gratuidade de Deus convoca-nos a viver relações boas e justas.

Veja, Jesus não está contradizendo a Lei. Amar a Deus continua sendo o primeiro mandamento, porém esse amor a Deus só é possível na concretude do outro, ou seja, no amor ao próximo. E é exatamente esse amor que irá distinguir a comunidade cristã das demais.

Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, vocês devem se amar uns aos outros. Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos (Jo 13, 34-35).

Podemos concluir que Jesus libertava da **escravidão da lei** e trazia o homem para a **liberdade do Espírito**. Afinal, o comportamento concreto daqueles que o seguiam deveria ser fruto de um processo de conversão e adesão à sua pessoa, superando em muito o mero cumprimento de preceitos. Para tanto, era necessário “ouvir o coração”, deixar-se guiar pelo Espírito de Deus.

A Teologia Moral traduz com extrema elegância o que quero dizer. De um lado, estava a moral judaica, com seus preceitos, ou seja, o agir da pessoa, seu comportamento, era ditado por normas, que diziam o que era certo ou errado, onde estava a bondade e a maldade.

Tratava-se de **heteronomia**¹¹. Isso significa quando o juízo moral de um gesto é delegado a alguém mais experiente, de forma a evitar castigos e garantir uma premiação. O bom é obedecer, o mal é desobedecer. No plano religioso, isso significa que a pessoa desconhece a fé como encontro e experiência de Deus. A salvação não é dom gratuito de Deus, mas é exatamente a “premiação” daqueles que seguem fielmente a lei. A graça divina torna-se irrelevante: é o que se chama de “Escravidão da Lei”.

Já a “Liberdade do Espírito” configura uma moral **autônoma**. O ser humano é capaz de **discernir** entre a bondade e a maldade, independente de toda pressão exterior. O indivíduo experimenta a necessidade de tratar aos demais como gostaria de ser tratado e o que orienta a sua conduta é a experiência do amor. “A experiência religiosa, em Jesus, supera a moral do ‘eu dou para que você me dê’ [...] para inaugurar uma nova consciência moral nascida da experiência de Deus como Misericórdia, como Amor primeiro ao qual se responde com amor”¹².

A essa altura, já nos é obvio que Jesus esperava que a comunidade formada por ele seguisse proclamando a misericórdia divina, aproximando-se dos últimos da sociedade, deixando-se guiar pelo Espírito. Podemos, então, de alguma forma, prefigurar qual Igreja Jesus quis.

1.4. Qual Igreja Jesus quis?

Talvez, antes mesmo de refletir sobre que Igreja Jesus quis nos deixar, devêssemos nos questionar se Jesus de fato quis que a Igreja existisse. A dificuldade em responder de maneira mais objetiva essa pergunta reside na ambiguidade do termo Igreja. Se considerarmos a Igreja em termos de graça divina, de libertação, de nova criação e de Reino de Deus, podemos ser categóricos em afirmar que Jesus quis que a Igreja existisse. Porém, se levamos em conta a instituição visível, com sua organização sacramental e hierárquica, aí é preciso um olhar mais atento. E neste olhar podemos perguntar se Jesus quis uma única forma institucional de Igreja.

Para tanto, não podemos ocultar que a vida de Jesus também teve sofrimento. Sua proposta não foi plenamente acolhida pelos judeus, sua vida foi conflitiva e tudo isso culminou com seu julgamento, condenação e morte na cruz. A cruz, aliás, é símbolo de uma ruptura que não podemos negar: há uma distinção entre o tempo de Jesus e o tempo da Igreja. O “fracasso” faz a comunidade de seus seguidores se dispersar e essa só volta a se reunir diante da fé na ressurreição. Portanto, a Igreja não é um dado do tempo do Jesus histórico.

O que Jesus efetivamente pregou foi o Reino. Já vimos que na formação dos Doze ele queria abarcar a totalidade. Assim, certamente, não fazia parte de seus planos uma comunidade de fé paralela àquelas que já existiam. Os Doze não eram um “protótipo de Igreja”.

¹¹ MIFSUD, Tony. **Libres para amar** – Moral de discernimiento. 5. ed. Santiago: San Pablo, 1994, 189.

¹² Ibidem, p.345

Contudo, quando os discípulos passam a confessar que Jesus é o Cristo e fazem a experiência do Ressuscitado pela mediação do Espírito Santo, em especial no dia de Pentecostes, eles passam a testemunhar que o Reino se concretizou na pessoa de Jesus. Ele superou todas as limitações, ele foi fiel até o fim, ele entregou sua vida em favor dos outros e a sua ressurreição confirma que o Reino é possível. Abre-se espaço para seguir anunciando o Reino na história: os discípulos, agora apóstolos, lançam-se em missão e, dessa forma, fundam-se a Igreja. Eles assumem as bases lançadas pelo Jesus histórico (mensagem, doze, batismo, eucaristia, etc.), traduzindo-as para uma nova situação.

Portanto, o elemento comum ao Reino e a Igreja é o próprio Cristo. Ele estabelece a continuidade. Porém, a Igreja propriamente dita está apoiada na decisão dos apóstolos de se lançarem em missão. Assim, a Igreja-instituição não está baseada em Jesus, mas na fé dos apóstolos que agiram inspirados pelo Espírito e entenderam que aquela era a melhor maneira de seguir anunciando, de forma compreensiva, a mensagem libertadora do Reino concretizada em Jesus Cristo. E a Igreja só faz sentido hoje se os cristãos seguirem renovando essa decisão, **discernindo** a forma com que a Igreja deve encarnar-se na realidade concreta, na qual está inserida. A Igreja é inacabada por definição. Ela nunca vai estar completa, precisa estar sempre aberta ao novo, atualizando seu discurso.

Alguém poderia perguntar: que teria acontecido se os judeus tivessem acolhido o projeto de Jesus? A verdade é que pouco importa a resposta. Quando nos damos conta de que a Igreja só está aqui devido ao “fracasso” de Jesus, estamos nos colocando diante de um Deus que respeita profundamente a nossa liberdade e que, mesmo diante da maior das rejeições, não desiste do homem. Ao contrário, em meio aos escombros, Deus vê uma nova perspectiva. “Sabemos que Deus permite o mal, porque tem o poder de tirar dele um bem e de situar a história da liberdade em outra possibilidade de amor e salvação”¹³. A Igreja é “filha da misericórdia” e prova da incrível capacidade que Deus tem de reconstruir a partir dos escombros. A Igreja é “o novo caminho que Deus, em sua misericórdia e paciência, escolheu para continuar proclamando o Reino de Deus”¹⁴, que foi rejeitado pelos homens. Jesus formou uma comunidade que proclamava a misericórdia divina, e essa mesma comunidade experimentou o poder dessa misericórdia!

Feitas as devidas “correções teológicas”, já é possível compreender “a afirmação de nossa fé de que Cristo fundou a Igreja”¹⁵. E podemos pensar a respeito do formato institucional dessa Igreja desejada por Jesus. Ele certamente quer a forma que a própria comunidade apostólica, iluminada pelo Espírito Santo, decide assumir. Para ele, pouco importa as estruturas, desde que elas tornem presentes o Ressuscitado e seu Espírito, desde que elas levem adiante a mensagem libertadora do Reino. A forma pode ser qualquer, desde que a Igreja se reconheça como “filha da misericórdia”, e, portanto, chamada a se comportar como o “Pai de Misericórdia”, que não fica a julgar seus filhos, mas que vai ao encontro deles e trata de construir algo novo. O caminho da Igreja não deve ser outro senão criar o que precisa ser criado, abolir o que precisa ser abolido e conservar o que precisa ser conservado.

¹³ BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.159.

¹⁴ *Ibidem*

¹⁵ *Ibidem*

Essa tarefa foi um imenso desafio para os primeiros cristãos, que nos deixaram um rico legado e nos ajudam a discernir a forma como hoje deve ser a Igreja deste “Pai de Misericórdia”. Vejamos o exemplo das primeiras comunidades para que possamos dele aprender.

2. As primeiras comunidades e a Igreja nascente

2.1. Uma Igreja movida pelo Espírito

Já sabemos que a comunidade que se reunia em torno de Jesus se dispersou após a sua morte e só voltou a se reunir sob o impulso do Espírito Santo no dia de Pentecostes. É esta marcante experiência que faz deslanchar a Igreja de Jesus!

Essa Igreja nascente não tinha nenhuma organização formal, doutrinas ou dogmas. Eram simplesmente pessoas que se reuniam em torno da memória de Jesus. Mas essa memória não era uma memória qualquer, era uma **memória viva**, pois sentiam que o mesmo Espírito que outrora movera Jesus, era o Espírito que agora os movia. O Espírito tornava Jesus presente e permitia continuar a sua obra. Por isso, para os primeiros cristãos, a memória de Jesus estava mais ligada ao comportamento e aos gestos concretos – ou simplesmente ao **seguimento** – do que às celebrações, aos ritos ou aos cultos. Prova disso é que as primeiras comunidades cristãs não tinham celebrações próprias e sequer haviam rompido com os rituais judeus! A sua identidade estava no amor mútuo entre seus membros, em colocar tudo em comum, em tomar as refeições com alegria e em tornar visível a misericórdia divina na solidariedade com os enfermos e pobres.

Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações. Em todos eles havia temor, por causa dos numerosos prodígios e sinais que os apóstolos realizavam. Todos os que abraçaram a fé eram unidos e colocavam em comum todas as coisas; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. Diariamente, todos juntos frequentavam o Templo e nas casas partiam o pão, tomando alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade outras pessoas que iam aceitando a salvação (At 2, 42-47).

Assim, constituíam-se as primeiras comunidades cristãs, formadas por aqueles que testemunhavam o poder da presença viva de Jesus. “Jesus não teve um sucessor. [...] Todos sentiam que, apesar de sua morte, Jesus ainda os estava dirigindo, guiando e inspirando”¹⁶. E atribuíam esse sentimento à ação e à presença do Espírito Santo, que o próprio Cristo prometera na ceia derradeira.

¹⁶ NOLAN, Albert. **Jesus antes do Cristianismo**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 194.

Então, eu pedirei ao Pai, e ele dará a vocês outro Advogado, para que permaneça com vocês para sempre. [...] O Advogado, o Espírito Santo, que o Pai vai enviar em meu nome, ele ensinará a vocês todas as coisas e fará vocês lembrarem tudo o que eu lhes disse (Jo 14, 16.26).

Portanto, a experiência da ação do Espírito nas primeiras comunidades é decisiva. Os cristãos sentiam-se realmente possuídos e guiados por ele. E se em um primeiro momento o Espírito era aquele que havia provocado uma mudança radical nos discípulos, transformando-os em corajosas testemunhas da Ressurreição do Senhor, em pouco tempo sua ação era tão manifesta que se atribuía tudo a ele: redação de documentos, roteiro de viagem de missionários, coragem para enfrentar o martírio, entre muitos outros exemplos. A comunidade se identificava com o Espírito de maneira tão forte e tão intensa que mentir à comunidade era o mesmo que mentir ao Espírito Santo!

Um homem chamado Ananias fez um acordo com sua esposa Safira: vendeu uma propriedade que possuía, reteve uma parte do dinheiro para si e entregou a outra parte, colocando-a aos pés dos apóstolos. E Pedro lhe perguntou: “Ananias, por que você deixou Satanás tomar posse do seu coração? Por que você está mentindo para o Espírito Santo, conservando uma parte do preço do terreno?” (At 5, 1-3).

A ação do Espírito Santo também concedia a comunidade grande autonomia, de forma que as comunidades iam se organizando conforme as questões práticas e problemas próprios de cada uma. As formas distintas de viver a fé jamais foram opostas ou prejudicaram a vida eclesial, ao contrário, enriqueciam a compreensão de Igreja, ajudavam a viver a unidade no pluralismo e, hoje, nos permitem destacar os traços que eram comuns entre essas comunidades, e, portanto, aquilo que era essencial para o cristianismo nascente¹⁷:

- Cristocentrismo: o amor pela pessoa e pela causa de Jesus estavam no centro de toda comunidade.
- Presença do Espírito Santo: era ele quem inspirava o verdadeiro seguimento.
- Solidariedade: não se podia viver isolado. O amor gerava comunhão.
- Fraternidade: reconhecia-se o outro como irmão, filho do mesmo Pai, seja qual fosse a diferença entre as partes – de cor, raça, gênero ou qualquer outra. Não se admitia qualquer forma de desigualdade, discriminação ou marginalização.
- Carisma: todos possuíam dons que deviam ser colocados a serviço dos outros para o bem comum. Assim, de maneira variada, todos eram responsáveis pela missão.
- Encarnar-se na história: as comunidades não se acomodavam, discerniam a forma mais apropriada para o seguimento de Jesus nos diferentes contextos, situações e culturas.

Apesar de toda essa riqueza, a vida não era fácil. Externamente, a perseguição aos cristãos era enorme. Porém, nem tudo o que se atribuía ao Espírito de Deus provinha dele mesmo. Em seu nome, e em nome da liberdade por ele concedida, havia indivíduos fazendo o que bem entendiam, tomando atitudes no mínimo indesejáveis. Na sequência, veremos um desses casos e algumas conclusões que podemos tirar para os dias atuais e que ajudarão a construir a dita “Igreja do Pai de Misericórdia”.

¹⁷ TEPEDINO, Ana Maria. **Eclesiologia**: iniciação Teológica. Rio de Janeiro: Editora PUCRJ, 2011, p. 23 e 24.

2.2. Necessidade de Organização

Na comunidade de Corinto, Paulo deparou-se com inúmeros problemas. Havia pessoas que já se declaravam salvas, independente de sua conduta, pois Jesus já os havia redimido. Estes não colaboravam em nada na missão da comunidade. Outros, por sua vez, julgavam seus próprios dons e carisma superiores aos dos demais. Então, começavam a formar verdadeiras “panelinhas” nas comunidades, que geravam ciúmes, inveja, intrigas e até competição.

Paulo tinha consciência de que a comunidade é elemento intrínseco à ressurreição. Se não há uma comunidade que proclame a ressurreição do Senhor, então tal evento de nada teria adiantado. Assim, Paulo sabe que a comunidade deve ser testemunha deste Cristo que vive! A comunidade existe para o Ressuscitado e é somente por ela que se pode ter acesso ao Jesus histórico e ao Cristo da fé. É a comunidade cristã que pode assegurar que uma dita experiência de fé em Jesus Cristo é realmente verdadeira.

Com isso, Paulo começa a criar a ideia de Cristo como a cabeça da comunidade. Todas as ações, todos os gestos, todos os pensamentos, enfim, tudo precisa estar orientado para ele. E se Jesus é a cabeça, nós somos os membros, os braços e as pernas do Cristo no mundo. Nasce a imagem da Igreja como Corpo de Cristo! Embora os cristãos sejam muitos, variados, diferentes, eles fazem parte de um único corpo e devem trabalhar para a mesma finalidade, em mútua colaboração. Assim, não há espaço para desvalorização ou para superioridade. Todos os membros do corpo são importantes, cada um a seu modo. Se um membro não vai bem, é o corpo todo que sente!

Logo, os carismas que recebemos não devem servir para nos trazer glórias ou nos deixar orgulhosos. Eles nos foram dados pelo mesmo Espírito. É o Espírito que nos faz membros do Corpo de Cristo e nos convoca a superar o egoísmo, a vaidade e a acomodação para colocar nossos dons a serviço dos demais e assim estabelecer comunhão.

Uma solução criativa, não? Porém, na medida em que as comunidades cresciam, e aí não me refiro mais exclusivamente à comunidade de Corinto, multiplicavam-se também os carismas e os serviços. E manter a unidade desse corpo passou a ser um grande desafio. Como mantê-lo articulado? Como dar visibilidade à unidade dele diante de tanta diversidade?

Em meio a essas questões, nasce o carisma de direção, de governo, ou, ainda, o **ministério da unidade**. Dentro da ideia de corpo, um carisma como outro qualquer, que não é superior e tampouco inferior aos demais. Um carisma que nasce de dentro da comunidade e deve estar ordenado para a comunidade, a serviço de todos os demais. Um carisma orientado a ser as “articulações” do Corpo, a fazer a ponte entre as várias funções e os membros da comunidade, de forma que o Corpo possa mover-se e caminhar em uma direção comum. Um carisma que quer integrar e coordenar um projeto comunitário, descobrindo carismas existentes ainda “adormecidos”, valorizando e animando aqueles que já se colocam a serviço e evitando aqueles que põem em risco a unidade de todos.

Nascem assim os ministros, ou presidentes, das comunidades. Eles eram chamados e designados pela comunidade, que lhes impunha as mãos invocando o dom de Deus pela ação do Espírito Santo. Não havia assim “ministros absolutos”. Os ministros eram sempre relativos à

comunidade específica que os havia ordenado. Sua liderança era indissociável da comunidade: guiados pelo Espírito, tinham tudo o que precisavam para conduzi-la, inclusive, presidindo a eucaristia¹⁸.

Com isso, estava fundamentado o germe da organização e institucionalização da Igreja. Devemos ver esse fenômeno de maneira positiva, afinal “a institucionalização é um fenômeno inevitável a todo grupo que visa permanecer e estabilizar-se”¹⁹. No entanto, inspirados pelo exemplo das primeiras comunidades, devemos ter em mente que não é a organização que cria a Igreja. É a partir das necessidades que surgem e que precisam ser atendidas que a comunidade cria as estruturas que lhe permitem tornar presente o Ressuscitado. Em resumo, os aspectos institucional e comunitário devem coexistir:

O institucional não pode, na Igreja, predominar sobre o comunitário. Este deve guardar sempre a primazia; o outro vive em função dele. O comunitário, por sua vez, deverá encontrar sempre sua adequada expressão institucional²⁰.

Esta é, sem dúvida, uma tarefa árdua. E podemos agora voltar ao exemplo de Paulo, que deu uma resposta criativa ao problema que se lhe apresentou. Assim como ele, os outros discípulos e muitos cristãos precisaram dar respostas a problemas concretos. Essas respostas não vinham do acaso, de elucubrações especulativas de mentes privilegiadas. Essas respostas vinham do esforço de discernir aquilo que de fato era obra do Espírito, aquilo que de fato era a vontade de Deus. Para tanto, as primeiras comunidades foram estabelecendo critérios. Aprender como a Igreja nascente discernia o rumo do Espírito nos ajuda hoje a dar respostas aos nossos problemas.

2.3. Discernindo o rumo do Espírito

Já sabemos que os primeiros cristãos fizeram uma profunda experiência do Espírito Santo. Experiência que os levava a atribuir tudo de bom que o cristão fazia como obra do Espírito. É ele quem distribui os dons, é ele quem suscita os carismas, é ele quem em meio à diversidade mantém a unidade. Isso não é extraordinário? Mas é também paradoxal, afinal, a presença desse Espírito se dava exatamente nas coisas mais simples da vida, no cotidiano, invisível aos olhos daqueles que não tem fé, ou seja, os primeiros cristãos descobriram que o Espírito não se revela em **coisas** extraordinárias! O Espírito se revela encarnado nas ações ordinárias mais comuns, como falar, caminhar, cantar ou rezar!

Mas já sabemos também que os cristãos se deparavam com “manifestações questionáveis” do Espírito. Sua intuição dizia que era preciso acolher, ainda que fossem incômodas, tais manifestações. Tinham consciência de que não podiam neutralizar o Espírito em nome da disciplina.

¹⁸ Conforme BOFF (**Eclesiogênese**, 2008, p. 170-176), a sacerdotalização do presidente é tardia. Com ela, passa-se a valorizar mais a imposição das mãos que a designação da comunidade. A ordenação torna-se com isso absoluta, independente da comunidade.

¹⁹ BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 30.

²⁰ Ibidem, p.32

Por outro lado, não podiam deixar as coisas soltas! Já vimos como Paulo esforçou-se em criar uma imagem que reforçasse a unidade mesmo em meio da diversidade. Assim, os primeiros cristãos intuíram a unidade do Projeto de Deus! Passaram a compreender a ação do Espírito em continuidade com a revelação do Antigo Testamento e com a prática de Jesus. Assim, por maior que fosse a novidade, por mais bela que fosse a suposta manifestação do Espírito, ela jamais poderia romper com o passado já vivido. Os cristãos compreenderam-se herdeiros do projeto de Deus, continuadores do projeto de Jesus, não podendo perder contato com a realidade concreta. Em resumo, se a ação é do Espírito ela deve nos manter encarnados!

Encarnados tal qual Jesus Cristo, que era animado por esse mesmo Espírito. Desse modo, a pessoa de Jesus – a prática do Nazareno – é critério de como agir com a liberdade dada pelo Espírito. Afinal, o Espírito não fala por si só, mas justamente nos comunica o que quer o Cristo Jesus. Os primeiros cristãos compreenderam que não podiam rejeitar o passado da cruz. Não podiam ficar com um Jesus espiritualizado, ou ainda, ficar só com o Espírito Santo. A ação verdadeira do Espírito os conectava com a realidade e os fazia engajar-se no seguimento.

Seguimento que, como vimos, é rigoroso não no sentido da lei, mas no sentido de compromisso de vida. O Espírito não quer nos ditar normas preestabelecidas. O Espírito quer inspirar respostas em situações concretas. Afinal, a única lei que o seguimento exige observar é a lei do amor. “O amor verdadeiro dá rumo à liberdade [...], ordena, organiza e disciplina todas as ações a favor da vida”²¹. Ele é o critério que resume todo o ensinamento de Jesus e dos profetas e é pela sua prática que se reconhece o Espírito.

Com base nesses critérios, os cristãos foram aprendendo a descobrir para onde o Espírito os queria levar e davam respostas aos problemas que enfrentavam. Essa sabedoria permitiu à Igreja primitiva viver em liberdade, aceitando as diferenças, vivendo de forma variada, sem perder a unidade!

*No dia de Pentecostes, o Espírito manifestou-se sob a forma de línguas de fogo. Fogo é para esquentar, clarear e queimar. Esquento o coração, clareia a mente e queima os desvios. Língua é para anunciar e dialogar, e, assim, enriquecer-se mutuamente, aprendendo das divergências*²².

Agora que temos mais clareza sobre a ação do Espírito e sobre que significa ser uma Igreja movida por ele, podemos concluir com mais propriedade o caminho a ser trilhado para chegar a Igreja do Pai de Misericórdia.

2.4. Antecipando algumas conclusões

Olhar a igreja nascente é olhar para cristãos cheios de vida no Espírito. De fato, o diferencial de nossa Igreja é que ela é movida pelo Espírito! Mas já está claro também que esse Espírito não faz alarde. É preciso atenção, disciplina e sensibilidade para saber onde ele quer nos levar. O exemplo das primeiras comunidades nos ajuda a não cair na tentação de

²¹ TEPEDINO, Ana Maria (org.). **Amor e discernimento**: experiência e razão no horizonte pneumatológico das Igrejas. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 43

²² Ibidem, p. 32

uniformizar a vida eclesial, de prender a novidade, de se apegar a estruturas passadas, ou, simplesmente, de aprisionar o Espírito.

Só seremos a “Igreja do Pai de Misericórdia” se formos uma comunidade de oração, uma comunidade discernente, que deixa o espírito agir. Só assim teremos liberdade para criar novas maneiras de transmitir a mensagem de Jesus e traduzi-la para o nosso tempo, de forma que possa chegar especialmente aos pobres. Só assim seremos fiéis às opções e ao estilo do Jesus histórico, que tornou visível a misericórdia divina.

Historicamente, isso aconteceu na Igreja equilibrando instituição e comunidade, organização e criatividade. Durante o primeiro milênio, a vida eclesial foi bastante marcada pelo exemplo das primeiras comunidades, pela lei do amor, pelo valor da pessoa humana sobre todas as coisas. A partir do segundo milênio, passou a prevalecer a instituição e a vigorar uma forte resistência ao novo.

Nosso próximo e ousado passo é pensar no método capaz de renovar as estruturas da Igreja, atualizando a sua linguagem e trazendo-a para mais perto daqueles que sofrem. Afinal, como podemos construir a “Igreja do Pai de Misericórdia” hoje? Veremos que é possível! O germe dessa Igreja já existe e é realidade!

3. Um caminho de discernimento

3.1. Clareando um conceito

O modelo “Pai de Misericórdia” proposto para nossa Igreja será tratado nos termos da Teologia Moral. Para tanto, faz-se necessário um esclarecimento, que começa na Grécia antiga, com a origem da palavra *ethos*, cujo significado primeiro (*éthos*) estava ligado a **costume** e depois, pouco a pouco, passou a designar também **caráter** (*êthos*). Quando o latim tornou-se um idioma “mais universal”, a tradução empregada para ambos os termos foi o plural *mores*. O resultado disso é sentido ainda hoje com a perigosa distinção entre **ética** e **moral**. Temos a tendência de elevar a ética a um plano superior – o plano dos princípios – e de reduzir a moral ao campo das normas.

Não podemos negar que o papel do moralista é impor limites sobre aquilo que pode ferir a dignidade do homem, porém é ele também que deve propor os ideais que dão sentido à vida. Afinal, nossa história não é resultado de seguir um determinado conjunto de regras, mas é a história das decisões que tomamos conscientemente, de maneira livre e responsável.

Assim tratar do tema **Igreja** do ponto de vista da moral é refletir como ela pode ajudar na realização humana, mostrando os caminhos para fazer o bem e protestando contra aquilo que impede nossa realização. Trata-se da indissociável relação entre fé e moral. Uma fé que fique apenas nos princípios, na boa intenção, é uma fé morta. A coerência exige daquele que proclama fé em Deus um agir moral.

3.2. Nossa herança

Diante do exposto até aqui neste ensaio, já temos condições de esboçar as premissas para se falar de uma **moral cristã**. Em primeiro lugar, sabemos que cristão é aquele que aderiu a pessoa de Jesus, assumindo para si seu estilo de vida e missão. Não se trata de observar preceitos, mas de assumir o seguimento, o qual se resume na caridade, no amor pelos irmãos, e só é possível de ser concretizado mediante a abertura à ação do Espírito Santo. Quando concretizada, a fé se traduz em tarefa.

Essa tradução não é trivial. Os cristãos aprenderam a ver no passado um paradigma que orienta a conduta no presente, conectando o projeto de Deus no Antigo Testamento com a prática de Jesus, e esta, por sua vez, com a ação do Espírito nas comunidades até atualmente. Este aprendizado ensinou-os a atualizar essa mensagem, afinal “não se pode dar uma resposta de ontem para uma pergunta de hoje”²³. Para ilustrar melhor, permito-me repetir o exemplo de Tony Mifsud²⁴: fica claro na escritura que a responsabilidade ética frente ao outro no campo social é um valor perene. Porém, a forma como essa responsabilidade é concretizada precisa se atualizar. Se no tempo de Jesus isso era entendido em termos de **dar esmola**, hoje falamos da questão da **justiça social**. Enfim, “o evangelho não é um Manual de Moral, mas sim uma **Boa Nova**”.

Ao longo dos dois milênios de sua existência, a Igreja tratou de fazer esta tradução, ou seja, de atualizar a mensagem para seu tempo. É inegável que o rumo tomado influencia ainda hoje nosso modo de ser e viver na Igreja. Por isso, estamos lançando este breve olhar sobre a herança que recebemos.

De maneira um tanto grosseira, podemos dividir essa história em duas partes:

- **Primeiro milênio:** a dimensão moral na vida cristã é bastante presente. Rejeita-se com veemência o legalismo típico do judaísmo. Assim, mantém-se uma íntima relação entre fé e moral, uma forte referência ao dom da graça pelo Espírito Santo e a caridade como principal virtude. Uma moral que levava ao encontro do outro e que não estava ligada à prática da penitência.
- **Segundo milênio:** a dimensão moral na vida cristã volta-se para o sacramento da penitência. Os teólogos moralistas dedicam-se arduamente a produzir **manuais** cujo objetivo é definir de maneira objetiva se um ato é ou não pecado. Em outras palavras, uma moral reduzida ao indivíduo, na qual a salvação está mais ligada ao mérito que à graça divina.

Ainda é muito cedo para afirmar com precisão o rumo da teologia moral neste terceiro milênio. Porém, há um sério esforço em dar um enfoque positivo à vida cristã. Um enfoque que nos distancie do confessionalismo e da melancolia da arquitetura de nossas Igrejas para uma moral que nos aproxime do compromisso social, visto como uma resposta do ser humano ao chamado de Deus. O Concílio Vaticano II foi um importante marco nesse processo, pois

²³ MIFSUD, Tony. **Libres para amar** – Moral de discernimiento. 5. ed. Santiago: San Pablo, 1994, p. 40.

²⁴ Ibidem, p. 39.

convocou a Igreja a uma renovação da moral, de modo a “acompanhar o homem moderno em suas buscas mais profundas”²⁵.

Apesar do esforço, é inegável que o modo de pensar do segundo milênio ainda está enraizado na cabeça e no coração de muita gente. Não são poucos os que veem a Igreja como retrógrada, como instituição que não consegue acompanhar a evolução da humanidade, ou ainda como instituição preocupada em ditar deveres, em geral negativos, e proibições, sobre tudo sexuais, mesmo diante de um mundo que padece perante a questões urgentes, como a fome e a miséria. Para muitos, ainda é viva a imagem da “Igreja dona da verdade”, sobretudo pela memória de afirmações do Vaticano I – como a de que “o Papa tem poder absoluto sobre todos e cada um dos fiéis”²⁶ – mas também por afirmações do Vaticano II, como a que diz que os bispos “devem por todos ser venerados como testemunhas da verdade divina”²⁷.

É preciso resgatar a consciência de ser uma Igreja que só nasceu porque os homens não acolheram o projeto de Jesus. A consciência de ser uma Igreja “filha da misericórdia”, que só existe porque Deus consegue tirar algo de bom daquilo que é mau. Essa Igreja deve ser testemunha dessa “capacidade divina”, acolhendo a humanidade com seus problemas, ou, em outras palavras, deslocando definitivamente o eixo da reflexão moral da perfeição do indivíduo para o compromisso social.

3.3. Aprofundando o Desafio

Não podemos reduzir a questão levantada a um mero problema intraeclesial. Ignorar o contexto no qual a Igreja está inserida seria um grave erro. Vimos que já nas primeiras comunidades estava clara a necessidade de se encarnar!

Assim, precisamos situar essa questão nesse tempo em que nossa sociedade experimenta muitas mudanças, que acontecem em uma velocidade incrível e deixam as pessoas confusas e sem respostas a muitas de suas perguntas. A Igreja não é imune a essas mudanças, e surgem questões como: qual é a identidade do Cristão? Qual é a sua missão no mundo? Ele tem realmente algo a oferecer a sociedade por ser cristão? Ou ele é só mais um comprometido com causas sociais? Ser cristão faz a diferença ou chega a atrapalhar?

Trata-se de fato, de uma crise, cuja raiz encontra-se na sociedade de consumo, que propaga “antivalores”, como o individualismo, a visão anticristã, o prazer e a satisfação imediatos, degradação da mulher, entre tantos outros. O resultado é um homem fechado ao transcendente e superficial²⁸. O reflexo visível dessa crise é a massiva presença dos pobres que, definitivamente, não é natural, mas reflexo das decisões de seres humanos centrados em si.

Enfrentar essa crise não é uma opção para o cristão e, assim, não é uma opção para a Igreja, mas sim se trata de uma prioridade: é essencial pensar o processo de libertação dessa

²⁵ MIFSUD, Tony. **Libres para amar** – Moral de discernimiento. 5. ed. Santiago: San Pablo, 1994, p. 69.

²⁶ BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 234.

²⁷ LG 25

²⁸ MIFSUD, Tony. **Libres para amar** – Moral de discernimiento. 5. ed. Santiago: San Pablo, 1994, p. 85.

massa empobrecida como expressão da caridade cristã. E agora fica claro nosso desafio: como anunciar o Deus da vida em meio à morte? Como falar de um Deus que se revela como amor em meio a tanto sofrimento? Que linguagem utilizar para fazer gente tão sofrida se sentir filhos de Deus? De fato é urgente uma renovação do nosso discurso moral. Frente a isso, o cristão e a Igreja não podem ficar paralisados, seja em postura de “pessimismo patético” ou de “otimismo ingênuo”²⁹.

Os caminhos da renovação certamente passam por uma moral mais centrada na pessoa de Jesus e mais aberta à ação do Espírito Santo na história. Essa será certamente uma moral mais centrada **na pessoa** – o que é muito diferente de uma moral centrada **em si**. Centrar-se na pessoa trata-se de passar por verdadeiro processo de conversão que leve o indivíduo a reconhecer no outro um irmão, e que esse **re-conhecer** faça brotar um serviço generoso a favor do outro. O serviço não pode ser mero cumprimento de uma obrigação legal, afinal “a lei não pode obrigar ao amor”³⁰. Reconhecer o outro e prestar a ele um serviço implica em ir ao encontro, sair do comodismo, da zona de conforto. Assim, a moral renovada deve ser uma moral que situe a pessoa na sua realidade concreta.

3.4. Nossa resposta

Diante do desafio, precisamos dar uma resposta. Essa resposta pode ser positiva ou negativa, ou ainda, em outros termos, pode ser **pecado** ou **conversão**. A conversão não deve ficar restrita ao sentido intimista, mas deve ser verdadeira adesão à pessoa de Jesus. Sendo assim, a conversão traduz-se em gestos concretos, assumindo uma expressão social.

Orientar a vida segundo Jesus Cristo não é algo que se consegue do dia para noite. A conversão é um longo caminho, que precisa ser percorrido guiado pelo Espírito. Os critérios de Jesus vão sendo assimilados pouco a pouco, mediante **discernimento**. Podemos falar então que a conversão torna-se um **estilo de vida**, pois ainda que tenha um começo bem marcado, não encontra seu fim. A conversão é tarefa para todo dia, uma constante busca pelo melhor, já que o amor não conhece limites.

Sendo assim, podemos expressar “nossa resposta” de duas formas: do ponto de vista do **conteúdo** e do ponto de vista do **método**. O conteúdo dessa resposta, já sabemos, é a solidariedade. A Igreja nasceu da solidariedade divina e deve promover a solidariedade entre os homens. Do ponto de vista do método, nossa resposta é o **discernimento**.

O discernimento revela a nossa capacidade de, guiados pelo Espírito Santo, tomar uma decisão moral conforme o Evangelho ou, em outras palavras, encontrar a vontade de Deus. Essas decisões nem sempre são fáceis, pelo contrário, em geral é muito difícil distinguir o bem e o mal em situações concretas. Objetivar tudo significaria submeter-se novamente à lei, e o esforço de renovação seria inválido. Por outro lado, negar qualquer objetividade e ficar apenas na subjetividade leva ao perigo de fazer a vontade de Deus coincidir com a própria vontade.

²⁹ MIFSUD, Tony. **Libres para amar** – Moral de discernimiento. 5. ed. Santiago: San Pablo, 1994, p. 86.

³⁰ Ibidem, p. 111.

Por isso, para fazer um verdadeiro discernimento é importante ter no horizonte algumas condições básicas. A pessoa já deve estar no processo de conversão, ou seja, ter consciência de que encontrar a vontade de Deus é o melhor para si e para os demais. A pessoa deve estar disposta ao novo, a abrir-se para uma nova maneira de amar e de entender as coisas. Essa abertura deve ser uma postura constante, afinal, um discernimento nunca trará certezas objetivas. Logo, é sempre necessário reavaliar as decisões, colocar os problemas nas mãos de Deus e estar atento aos frutos do Espírito, tais como paz, alegria e mansidão. A confirmação das escolhas feitas deve acontecer na vida diária, observando no sujeito uma vida de serviço e de entrega.

Segundo Tony Mifsud, pode-se distinguir três etapas nesse processo³¹:

- **Deliberação:** identificar que valores estão em jogo em uma situação concreta e sua relação com as pessoas envolvidas. Em outras palavras: esclarecer o significado da situação.
- **Juízo:** avaliar a forma de concretizar os valores nessa situação particular.
- **Atuação:** levar o juízo para a prática. Nesse ponto, certamente novos elementos são introduzidos, abrindo espaço para o discernimento contínuo.

Veja que em nenhum momento se fala em objetivo ou meta. Não se discerne o **fim**, mas os **meios** que conduzem para ele! É um processo individual, pois exige uma resposta pessoal. Mas é também um processo comunitário, já que aquele que discerne não pode prescindir de acompanhamento espiritual e de, assim, confrontar suas moções com um orientador. Do contrário, o discernimento é incompleto. O processo bem feito chama o indivíduo para a **responsabilidade** frente ao mundo, afinal, suas ações não estão amparadas e justificadas na lei, mas na experiência pessoal de encontro com Deus. A segurança do indivíduo se desloca para a sua abertura a Deus e para a busca por Sua vontade.

Em outras palavras, o agir moral não é uma imposição externa, mas sim movimento que nasce do interior da própria pessoa. Isso é liberdade! É a consciência moral inaugurada por Jesus, nascida da experiência de Deus como misericórdia, que o fez entender que amor se responde com amor. Não é a lei, mas a exigência do amor que orienta a conduta.

Tal liberdade encontra expressão prática no amor mútuo e no serviço. E curiosamente, de maneira espontânea, acaba-se por cumprir as “exigências éticas” da lei. “A liberdade cristã [...] é, e há de ser, libertadora”³².

Mas não parece isso tudo arriscado demais? Podemos confiar a nossa Igreja ao discernimento do outro? Essas respostas vão ficar no ar. O que sabemos é que devemos evitar os extremos. De um lado, não ignorar a condição humana confiando cegamente na maturidade espiritual alheia, e, do outro, não desconfiar tanto! Confiemos na ação do Espírito que já nos conduziu até aqui!

Certamente ajudará nesse processo uma atitude humilde diante de Deus e o empenho de todos. É preciso que cada pessoa assuma a responsabilidade por aquele espaço que está ao

³¹ MIFSUD, Tony. **Libres para amar** – Moral de discernimiento. 5. ed. Santiago: San Pablo, 1994, p. 357.

³² Ibidem, p. 346.

seu alcance. Omitir-se é abrir mão do exercício da liberdade responsável. Enfim, só com humildade e empenho cresceremos no discernimento que, afinal de contas, desde os primeiros cristãos, é o modo pelo qual os seguidores de Jesus vivem a realidade cotidiana.

*O discernimento é uma categoria ética privilegiada, porque faz a ponte entre a moral pensada e a moral vivida. Ao superar o ativismo pragmático e a espiritualidade desencarnada fica com o papel de mediador entre a história (realidade) e escatologia (realização definitiva do Reino); entre a ação (práxis) e contemplação (oração); entre a eficácia (resultados) e a gratuidade (graça)*³³.

Ficam as perguntas: é possível hoje falar em uma Igreja que se constrói a partir de discernimento? Existe alguma comunidade que procura resolver seus problemas dessa forma? A próxima seção dedica-se a uma partilha de que isso é possível!

3.5. CVX³⁴ Sul – assumindo a responsabilidade pelo seu espaço

É importante que a reflexão que estamos fazendo não se prenda ao campo da especulação. Afinal, é possível pensar hoje na construção da dita “Igreja do Pai de Misericórdia” a partir de uma moral de discernimento?

Para responder a esse questionamento, é preciso ser coerente e olhar para o espaço de responsabilidade que está ao meu alcance: a regional Sul³⁵ da CVX Brasil. Assumi, no ano de 2010, a coordenação dessa regional e, ao final do segundo ano de mandato, constato com alegria a bela experiência eclesial vivida por nossos membros.

³³ MIFSUD, Tony. **Libres para amar** – Moral de discernimiento. 5. ed. Santiago: San Pablo, 1994, p. 362.

³⁴ ROSADO, Rafael Henrique Gusso. *O Batismo, Ser Cristão e a Vocação CVX*. A Comunidade de Vida Cristã (CVX) é “formada por cristãos – homens e mulheres, adultos e jovens, de todas as condições sociais – que desejam seguir Jesus Cristo mais de perto e trabalhar com ele na construção do Reino”. A vida do vocacionado CVX se desenvolve em torno de um tripé: [...] **Espiritualidade**. Trata de nos abirmos à graça de Deus para permitir que Ele realize por meio de nós, e em nós, o seu plano. Nossa fonte específica são os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, por meio dos quais nos aproximamos da pessoa de Jesus e aprofundamos nosso dom do discernimento, o que vai nos permitindo integrar cada vez mais nossa vida de fé com nossa vida pessoal, familiar, social, política, eclesial, etc.; **Comunidade**. A vocação CVX é essencialmente comunitária [...]. A comunidade mundial se organiza em pequenas comunidades de amigos no Senhor. A ajuda mútua de cada um é ponto fundamental para que todos cresçam e desenvolvam sua missão. Por isso, “compartilhamos problemas, aspirações e projetos nos diversos setores de nossa vida”, somos solidários às necessidades materiais e espirituais uns dos outros e assumimos uma missão comum. A vida em comunhão fraterna deve ser testemunho antecipado do Reino que está por vir, por isso vivemos centrados na Eucaristia, o que reforça nossos laços com Cristo e com a Igreja; **Missão**. A CVX trata-se de uma comunidade apostólica, pois existe para a missão. Essa realidade brota da opção de seguir Jesus Cristo de perto, que vem como graça da experiência dos Exercícios. Os membros CVX devem estar comprometidos com a transformação social, com a promoção da justiça e a libertação dos pobres. A missão de cada um pode mudar em função da realidade sociopolítica que vive, da cultura ou do âmbito da vida (pessoal, profissional, etc.), assim, dizemos que o campo da missão CVX não tem limites.

³⁵ A CVX no Brasil está dividida em regionais. A regional Sul compreende os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e, segundo o último levantamento oficial, realizado em 2011, conta com 87 pessoas.

A Regional Sul da CVX Brasil herda da comunidade nacional e mundial uma estrutura mínima de governo: uma Assembleia Geral, que, por sua vez, elege uma Comissão Executiva formada por cinco pessoas – coordenador, vice-coordenador, secretário, tesoureiro e assistente eclesialístico³⁶. O principal encargo do governo é “assegurar as estruturas e os programas de formação necessários para responder efetivamente àquilo que é necessário para o desenvolvimento harmonioso de toda a comunidade, e para a participação efetiva da Comunidade de Vida Cristã na missão da Igreja”³⁷.

Nos primeiros meses do meu mandato, em maio de 2010, atendendo uma solicitação da Executiva Nacional, realizamos um encontro com os assessores³⁸ de pequenas comunidades e inúmeras questões e problemas surgiram. Não cabe aqui entrar em detalhes, mas em resumo podemos dizer que CVX local entrou nos questionamentos da sociedade contemporânea: qual é a identidade do membro CVX? Qual é a nossa missão? Que contribuição específica nós podemos dar à Igreja? Faz diferença ser CVX?

De certa forma, sentimo-nos frágeis no Governo Regional, pois não dávamos conta de responder a essas perguntas e não dispúnhamos de estruturas que pudessem nos auxiliar nessa tarefa. Como assegurar a participação ativa da CVX na missão da Igreja e garantir o processo formativo necessário para realizá-la, sem ter clareza dos recursos que dispomos, do que pretendemos ou de onde estamos? Diante desses questionamentos, sentimos necessidade de, em um primeiro momento, internalizar as escolhas já feitas.

Assim, o primeiro movimento foi bastante objetivo: elaborar um catálogo da Regional. Foi um verdadeiro levantamento estatístico para se ter um olhar objetivo sobre a realidade. Descobrimos quantos somos, onde já atuamos, as áreas apostólicas de interesse, entre muitos outros dados. De fato constatamos inúmeros serviços prestados pelos membros da nossa comunidade, porém ficou clara também a falta de sinergia em ações isoladas e desarticuladas. Não agimos como Corpo. Nossa comunidade estava sendo missionária pela soma de apostolados isolados. Ora, já vimos que um Corpo para funcionar precisa ter seus membros ordenados para uma missão comum, e que o papel do carisma de direção é exatamente ser a **articulação** entre esses membros, para que o corpo trabalhe, se movimente e gere frutos.

O corpo é a expressão visível daquilo que somos. Assim, sentimos a necessidade de dar visibilidade a estas escolhas já feitas e agora internalizadas, ou em outras palavras, a necessidade de dar visibilidade ao nosso corpo. Isso foi feito agrupando as áreas de interesse nas quais já trabalhávamos em grupos que denominamos **Secretariados**. Cada um desses secretariados é formado por pessoas da própria comunidade que se dispõem a colaborar pensando na missão da Comunidade do ponto de vista da sua área, acompanhando os trabalhos já existentes e partilhando iniciativas, apelos, dúvidas e necessidades. Dentre os

³⁶ O Assistente Eclesialístico não é eleito pela Assembleia. No caso da comunidade mundial, o assistente é sempre o Padre Geral da Companhia de Jesus. Para as comunidades Nacionais e Regionais, o assistente é designado pelo padre provincial local da Companhia de Jesus.

³⁷ PG 15b. **CARISMA CVX e outros documentos**. São Paulo: Loyola, 2005.

³⁸ As pequenas comunidades são acompanhadas por assessores: pessoas letradas na Espiritualidade Inaciana. Geralmente são jesuítas, mas podem ser também religiosos de outras ordens ou próprios membros CVX mais experientes. O requisito indispensável é de fato a vivência na Espiritualidade Inaciana.

membros do secretariado, uma pessoa é indicada para ser o “Secretário da Pasta”. Este estabelece um canal de comunicação direta com o Governo Regional, apresentando as propostas e dificuldades debatidas internamente no secretariado e partilhando os êxitos alcançados.

Estão instituídos hoje o **Secretariado da Formação** e o **Secretariado da Justiça Social**, além do **Secretariado de Liturgia e Espiritualidade** que está em fase embrionária. Isso só está sendo possível, porque de dentro da própria comunidade emergem a disponibilidade de serviço e os novos carismas de condução desses secretariados. O governo, em seu dever de exercer o **ministério da unidade**, apenas procura identificar esses carismas e fomenta que as pessoas possam ir assumindo compromissos com a comunidade, colocando seus dons à disposição.

De modo semelhante, percebemos que algumas pessoas se dedicavam a uma espécie de serviço de apoio – iniciativas isoladas de comunicação, alguns cuidados com uma sala de depósito e contato com “amigos simpatizantes” que costumam ajudar a CVX local. Vimos que esses serviços também eram necessários para que os Secretariados pudessem funcionar, servindo como verdadeiras estruturas de apoio. Denominamos essas estruturas de **Setores** e passamos a idealizar a constituição dos seguintes: **Arquivo e Biblioteca, Comunicação e Colaboradores Externos**. Estes ainda engatinham, exceto o espaço do Arquivo e Biblioteca que já tem um responsável e nem de longe lembra um depósito.

Dessa forma, hoje constatamos importantes progressos:

- Temos as nossas linhas apostólicas prioritárias bem definidas, visíveis. Pessoas que entram hoje na comunidade podem entender com mais clareza onde a CVX local atua e podem engajar-se em uma dessas frentes.
- Os Secretariados já tratam de se aproximar das pequenas comunidades e de adaptar a linguagem da nossa missão à sua realidade. O Secretariado da Formação está na fase final de adaptação do *Plano de Formação Nacional da CVX* para nosso contexto e o **Secretariado da Justiça Social** discute o que é Justiça Social na nossa região.
- O Governo Regional pode promover verdadeiras “reuniões ministeriais” a fim de articular o corpo e promover a tal sinergia. Já podemos começar a sonhar com uma **Comunidade Apostólica**, não mais uma **comunidade de apóstolos**, pois cada um, em sua tarefa, sente que contribui para a missão do corpo. Dessa forma, valorizamos desde os gestos mais humildes e pontuais até aqueles que exigem grande esforço e compromisso.
- Os leigos da CVX encontram espaço para exercer liderança criativa e responsável na Igreja.

E de um modo especial isso nos permite projetar o futuro! Se já sabemos onde estamos, podemos pensar agora aonde ir e os meios necessários para tanto. Inclusive, para o final deste ano, temos agendado nosso *Encontro e Assembleia Regional*, quando toda a comunidade reunida deve propor e votar desafios para cada uma das três linhas prioritárias. Trata-se do nosso *Planejamento Apostólico*, isso significa que é a CVX Sul discernindo para onde quer ir enquanto corpo leigo iniciano em missão na Igreja.

Contudo, alguém pode não estar enxergando onde o discernimento entra nisso tudo. É preciso ter claro que ele está impregnado no nosso **modo de ser**. Apenas a título de exemplo, o discernimento é a base de todo o processo eletivo na CVX. O indivíduo não se candidata, mas é indicado a ocupar um cargo. A indicação deve ser aceita ou rejeitada mediante discernimento. E, finalmente, as comunidades, também em discernimento, decidem seu voto entre aqueles que aceitaram a indicação. Assim, as lideranças estão intimamente ligadas à comunidade. Isso não faz lembrar as comunidades primitivas, para quem o discernimento foi o grande instrumento para descobrir o rumo do Espírito? De fato, meu próprio nome, e aquilo que digo, é muito conhecido entre os cevequianos do Sul, inclusive por meio deste ensaio, que deverá ter grande impacto na vida da comunidade. Mas fora dessa esfera, sou apenas o Rafael, sem qualquer autoridade, e aquilo que digo e escrevo “perde poder”, isto é, não sou uma liderança absoluta, mas sim uma liderança que só encontra sua razão de ser no vínculo com a comunidade que me designou. Minha força está nos membros do corpo a que sirvo!

Há quem possa dizer que a CVX não é um bom exemplo, alegando que sua estrutura não está ligada ao tradicional modelo paroquial de comunidade e que, portanto, estaria desconectada da Igreja-instituição. Tomo como exemplo mais uma vez o governo, pois por meio dele estamos ligados à hierarquia da Igreja. Uma ligação não em termos de submissão ou superioridade, mas em termos de igualdade. O assistente eclesial que faz parte da Comissão Executiva – em todos os níveis: Regional, Nacional e Mundial – é sempre um religioso jesuíta. Isso quer dizer que as decisões tomadas no colegiado da comissão executiva sempre ouvem a opinião da Igreja-instituição. Não nos fechamos como um movimento de leigos que tomam decisões independentes, tampouco entregamos nossa responsabilidade ao discernimento da hierarquia eclesial. Discernimos juntos!

Isso tudo não é fantástico? Porém, apesar de toda essa beleza, temos muitos problemas. Nesse momento, há aqueles que questionam todo esse movimento, alegando uma burocratização da CVX. De fato, olhar nosso organograma pode assustar. Há também os que falam de excesso de atividades: com razão, afirmam que trabalhar nessas estruturas e mantê-las demanda tempo. Tempo que poderia ser dedicado ao serviço social. Há ainda aqueles que enxergam certa “intromissão” do Governo e chegam a classificá-lo como uma ameaça! Alegando que sempre tomaram suas decisões e realizaram suas atividades sozinhos. Com razão, afirmam que elas já rendem bons frutos, então não haveria motivos para comprometer-se em mais um espaço. E, finalmente, há aqueles que fingem que nada disso acontece. De fato, sempre viveram a CVX fechados em suas pequenas comunidades e ignoram as iniciativas de viver como Corpo em missão.

Não quero aqui responder a esses pensamentos ou fazer críticas. Afinal, eles são positivos! Mostram que a comunidade está viva. Se a estrutura veio como resposta a problemas concretos, agora é preciso constantemente avaliar a evolução no problema inicial e também os inevitáveis “efeitos colaterais”. Este discernimento certamente levará a constatação de equívocos, levará a dar algum passo atrás e outros adiante, exigindo constantes ajustes no modelo. É assim que a CVX vai se fazendo!

Poderia encerrar aqui esta seção, mas me incomoda pensar que falei apenas da estrutura da CVX. Neste mesmo ensaio, falei do necessário equilíbrio que deve haver entre

instituição e comunidade, entre organização e criatividade. E penso que falar ao menos brevemente sobre isso pode já começar a iluminar a saída para os problemas citados.

Definitivamente, a estrutura será um peso enorme se esquecermos de que a vida na CVX se dá nas pequenas comunidades. O grupo é estável, entre oito e doze pessoas, no qual “compartilhamos problemas, aspirações e projetos nos diversos setores de nossa vida, somos solidários às necessidades materiais e espirituais uns dos outros e assumimos uma missão comum”³⁹. A estrutura não pode predominar sobre a vida comunitária e sobre a vida de oração.

Por outro lado, a pequena comunidade não pode prescindir da estrutura. Não podemos se esquecer que se o objetivo da comunidade é a missão, o objetivo da estrutura é assegurá-la. E da comunidade dos Doze tiramos uma importante lição: Jesus e os Doze não curaram a todos. Assim, a missão não é **quantitativa**, mas **qualitativa**. Importa muito mais o modo **como** fazemos, do que o **quanto** fazemos e, exatamente, **o que** fazemos. Importa que a nossa missão seja testemunho do Ressuscitado, para que nosso modo de ser inspire outros a buscar um encontro verdadeiro com Ele e possam assim também se comprometer com a Sua causa. Dessa maneira, a nossa missão é, de fato, **nosso estilo de vida**.

A tarefa que realizamos pouco importa **individualmente**. A importância daquele que recebe as pessoas na missa, daquele que cataloga os livros no arquivo, daquele que nos representa no Conselho Arquidiocesano de Leigos, daquele que coordena um retiro, daquele que dá orientação espiritual, daquele que dirige uma ONG ou de qualquer outro membro é a mesma, desde que o seu fazer seja consciente de estar a serviço da missão do Corpo, que é único.

Por outro lado, **enquanto Corpo**, devemos questionar sobre a efetividade da nossa estrutura. Se fazemos um grande esforço para carregar uma estrutura que não é capaz de fazer com que novas pessoas se comprometam com o seguimento, que não promove libertação e que não atinge as classes mais pobres e marginalizadas da sociedade, então temos um problema.

Ainda é muito cedo para fazer essa avaliação sobre a estrutura da CVX Sul. Para onde tudo isso vai? Vai mesmo dar certo? Não sei! Mas não devemos desanimar diante das prováveis dificuldades que virão e das que já estão aí. É preciso, em primeiro lugar, valorizar a experiência de autonomia no Espírito que estamos fazendo. Estamos agindo com liberdade criativa! Em segundo lugar, se não cometêssemos erros, não poderíamos ser “filhos da misericórdia”. É justamente porque erramos que precisamos da misericórdia divina. Confiemos ainda que tudo termine em aparente fracasso, Deus saberá construir algo muito bom de tudo isso. Afinal, conforme afirma Santo Inácio de Loyola: “Agir como se tudo dependesse de você, sabendo que, na verdade, tudo depende de Deus”.

³⁹ ROSADO, Rafael Henrique Gusso. **O batismo, ser cristão e a vocação CVX**. Curitiba: 2010, p. 4 e 5.

3.6. Deixar que a Igreja se construa

Começamos este ensaio falando que o método para construir a “Igreja do Pai de Misericórdia” seria **trilhar um caminho de discernimento**. Podemos traduzir isso agora de uma maneira curiosa: construir esse novo modelo de Igreja é **deixar que a própria Igreja se construa!** Isso não significa impor uma organização “de cima para baixo”, implantar um modelo, pois é a comunidade quem deve fazer a organização. Mas também não significa fazer qualquer coisa.

Trata-se de conscientizar cada crente que temos um espaço de responsabilidade na nossa Igreja e encorajá-los a assumir esse espaço. Trata-se de formar uma comunidade discernente, na qual todos possam assumir seu protagonismo! Em especial os leigos, que são tão privados de poder decisório nas estruturas tradicionais da Igreja-instituição. Essa será uma Igreja aberta para o novo, livre diante de suas estruturas, por mais tradicionais que sejam. Uma Igreja que vai onde o Espírito a leva.

Se olharmos com mais cuidado, veremos que essa conclusão é intuitiva. Afinal, o Pai respeita nossa liberdade. Ele não nos força a cumprir normas e também não impede que pequemos. Está sempre aberto aos seus filhos, nos ensinando a amar de verdade e nos ajudando a crescer como pessoas. Em suma, a atitude do próprio Pai de Misericórdia é deixar que seus filhos se construam. Ele instrui, educa, mas não obriga a nada. Assim, nosso próximo e último capítulo dedica-se a aprender mais sobre o comportamento do Pai de Misericórdia para que possamos aprofundar como deve comportar-se a Igreja desse Pai.

4. A Igreja do Pai de Misericórdia

Já sabemos que a “Igreja do Pai de Misericórdia” é possível. É a Igreja que “se constrói” pela participação ativa e discernente de seus fiéis. Cabe agora um olhar mais aprofundado sobre o que significa a experiência de viver nesse modelo de Igreja. Para tanto, vou recorrer a Parábola do Filho Pródigo, na qual o próprio Cristo nos revela a atitude misericordiosa do Pai.

Um homem tinha dois filhos. O filho mais novo disse ao pai: “Pai, me dá a parte da herança que me cabe”. E o pai dividiu os bens entre eles. Poucos dias depois, o filho mais novo juntou o que era seu, e partiu para um lugar distante. E aí esbanjou tudo numa vida desenfreada. Quando tinha gasto tudo o que possuía, houve uma grande fome nessa região, e ele começou a passar necessidade. Então foi pedir trabalho a um homem do lugar, que o mandou para a roça, cuidar dos porcos. O rapaz queria matar a fome com a lavagem que os porcos comiam, mas nem isso lhe davam. Então, caindo em si, disse: “Quantos empregados do meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome... Vou me levantar, e vou encontrar meu pai, e dizer a ele: - Pai, pequei contra Deus e contra ti; não mereço que me chamem teu filho. Trata-me como um dos teus empregados”. Então se levantou, e foi ao encontro do pai. Quando ainda estava longe, o pai o avistou, e teve compaixão. Saiu correndo, o abraçou, e o cobriu de beijos. Então o filho disse: “Pai, pequei contra Deus e contra ti; já não mereço que me chamem teu filho”. Mas o pai disse aos empregados: “Depressa, tragam a

melhor túnica para vestir meu filho. E coloquem um anel no seu dedo e sandálias nos pés. Peguem o novilho gordo e o matem. Vamos fazer um banquete. Porque este meu filho estava morto, e tornou a viver; estava perdido, e foi encontrado”. E começaram a festa. O filho mais velho estava na roça. Ao voltar, já perto de casa, ouviu música e barulho de dança. Então chamou um dos criados, e perguntou o que estava acontecendo. O criado respondeu: “É seu irmão que voltou. E seu pai, porque o recuperou são e salvo, matou o novilho gordo”. Então, o irmão ficou com raiva, e não queria entrar. O pai, saindo, insistia com ele. Mas ele respondeu ao pai: “Eu trabalho para ti há tantos anos, jamais desobedeci a qualquer ordem tua; e nunca me deste um cabrito para eu festejar com meus amigos. Quando chegou esse teu filho, que devorou teus bens com prostitutas, matas para ele o novilho gordo!”. Então o pai lhe disse: “Filho, você está sempre comigo, e tudo o que é meu é seu. Mas, era preciso festejar e nos alegrar, porque esse seu irmão estava morto, e tornou a viver; estava perdido, e foi encontrado” (Lc 15, 11-32).

Na sequência, lançaremos um rápido olhar sobre esses dois filhos e nos demoraremos um pouco mais no Pai. Certamente, identificaremos a nossa Igreja e a nós mesmos tanto no mais jovem quanto no mais velho, e perceberemos de que forma todos nós somos chamados a agir como o Pai.

4.1. A rejeição do filho mais jovem

Sem dúvida, a primeira vista, o filho mais jovem parece ser o personagem central dessa parábola contada por Jesus. Sua forte rejeição ao pai chama a atenção imediatamente. Ao sair de casa, partir para um lugar distante e pedir a herança, o filho rejeita o lar, rejeita suas origens e parece desejar a morte do pai. Na vida espiritual, essa rejeição consiste em negar nossa filiação divina, negar que pertencemos a Deus e que somos fruto do seu amor.

Somente na casa do Pai podemos ouvir a voz “você é o meu filho amado”. A mesma voz que outrora animou Jesus e que nos torna capazes de amar sem restrições. Essa voz, já sabemos, não se impõe. Ela é mansa e calma, ao passo em que as vozes do mundo são barulhentas e nos enchem de promessas, atraindo nossa atenção. Nossa Igreja deixa de ser a casa do Pai quando permite ecoar dentro de si essas vozes do mundo, tornando-se incapaz de mediar a experiência de sentir-se um filho amado.

Seguir as vozes do mundo leva-nos a caminhos vazios e estéreis. O filho mais jovem se dá conta disso ao sentir-se sozinho, desamparado e com fome, após esbanjar dos bens do pai para atender às expectativas do mundo. Quando o mundo lhe dá as costas, então se dá conta de sua dependência. De fato, inúmeras vezes nos comportamos como se não precisássemos de Deus, como se soubéssemos de tudo, crentes de que podemos viver bem afastados d’Ele. Esquecemo-nos das prioridades do Reino e esbanjamos os dons que recebemos do Pai para atender expectativas pessoais ou de alguém influente.

4.2. O ressentimento do filho mais velho

O filho mais velho passa a imagem de um filho exemplar. Uma pessoa sempre correta, obediente, digna de elogios. No entanto, quando se depara com a festa e a alegria do pai pela

volta do irmão, ficam evidentes o ressentimento e o orgulho. A vida regrada revela-se um peso, deixando certa inveja transparecer. O irmão mais velho parece desejar a vida que tanto repudiou, ficando implícito um arrependimento por não ter tido a ousadia de ir embora.

Segundo Nowen⁴⁰, o “santo ressentido” de fato se esforça para ser bom, mas com tamanha seriedade e intensidade moral, que a pessoa vai se tornando menos livre, menos brincalhona, até ser um peso para as outras pessoas. Em outras palavras, o mais velho está fisicamente perto do pai, trabalhando e cumprindo obrigações. Mas internamente ele se afastou muito do pai, tanto quanto o mais jovem. O filho mais velho também precisa ouvir a voz do Pai e voltar para casa.

A imagem do filho mais velho me faz lembrar aquela moral ditadora de normas, na qual amar a Deus é seguir uma série de preceitos e na qual a salvação parece mais mérito que graça divina. Assim, nossa Igreja afasta-se do Pai toda vez que não se assume pecadora, que está suscetível ao erro, colocando-se como o “filho perfeito”, que está acima do bem e do mal. Afasta-se do Pai toda vez que não reconhece que as pessoas que não pertencem à Igreja são tão boas quanto as que pertencem, e que aqueles que não cumprem fielmente prescrições eclesiais são tão dignos de salvação quanto os que cumprem. Afinal, o pai ama igualmente aos dois filhos e quer acolher a ambos. Isso muitas vezes é tão difícil de aceitar!

Quando vejo alguém ser elogiado é difícil não me achar menos merecedor de elogios [...]. Procuvo sempre encontrar a minha medida em relação a outros⁴¹.

Na verdade, o pai nunca compara os filhos! Vejamos como acolhe a ambos.

4.3. A acolhida do Pai

Voltar para casa depende de uma escolha livre dos filhos. Não se trata de ser o filho bom ou o filho mal. Na realidade, quem de fato é bom é apenas o pai, cujo amor está à disposição de ambos, independente de arrependimento ou mudanças de comportamento.

A alegria [do pai] pela volta dramática do filho mais jovem de maneira alguma quer dizer que o mais velho é menos amado [...]. Ele vê com amor a paixão do filho mais jovem, mesmo que não se situe dentro dos padrões de obediência. Com o mesmo amor, vê a obediência do mais velho, mesmo que lhe falte a vitalidade da paixão⁴².

E justamente porque ama, e porque os filhos são diferentes, o tratamento é diferente. Assim, para um convoca uma grande festa, e para o outro estende o convite a participar desta grande alegria. Não há porque estabelecer uma comparação, pois ela abriria espaço para competição entre os irmãos e os afastaria ainda mais do pai. É o que acontece com o mais velho quando questiona por que o pai matou o novinho para o mais novo. No seu interior, ele se compara ao irmão e se julga mais merecedor, por isso não aceita a atitude do pai e fica magoado.

⁴⁰ NOUWEN, Henri J. M. **A volta do filho pródigo**. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2008, p.79.

⁴¹ Ibidem, p.111 e 112.

⁴² Ibidem, p.89.

Escapar dessa mágoa significa se libertar, isto é, confiar intimamente que o Pai me quer em casa. Ele prova isso para um com seu abraço movido de compaixão, e prova isso para o outro deixando a festa para chamá-lo. É somente a sua acolhida e o seu amor que tornam a pessoa livre para amar, sem comparações, sem ter que provar nada. Só assim podemos nos satisfazer “verificando que aqueles que fizeram bem pouco são tão amados quanto os que muito realizaram”⁴³. É preciso contemplar o mundo com os olhos do amor de Deus, que é “todo misericórdia, que não mede o amor que dá aos filhos dependendo de como se comportam”⁴⁴.

De fato, a Igreja afasta-se do Pai quando quer tratar as pessoas de maneira uniforme. Agir como o Pai é respeitar o espaço de cada um, a sua maneira de ser, tratando conforme a sua necessidade. A Igreja aproxima-se do Pai quando não faz comparações, quando revela o amor de Deus para qualquer um que se aproxima e se deixe abraçar. A Igreja aproxima-se do Pai quando procura aquele que não está presente, quando não desiste de ir ao encontro para revelar seu amor. Na Igreja, todos nós deveríamos nos sentir como os filhos na casa do Pai: pessoas únicas, incomparáveis e profundamente amadas.

Na acolhida dos filhos, o pai os perdoa sem qualquer restrição. Sua alegria é tanta que sequer permite que se desculpem. Temos muita dificuldade em imaginar um Deus assim! Um Deus alegre e que faz festa diante do filho que retorna. Ele não oferece só o perdão, mas uma grande e alegre comemoração, na qual quer que todos participem! O próprio Jesus, como já vimos, usou muito a imagem do banquete festivo como antecipação do Reino, sentando à mesa com pecadores. Essa imagem é muito distinta da forma solene e séria que historicamente a Igreja lidou com o perdão, sempre ligado a uma penitência. Muito diferente de um pai que sequer quer ouvir as desculpas.

Aproximar-se do Pai é aprender a alegrar-se com as coisas pequenas. Para alegrar-se, não é preciso que todos os problemas do mundo sejam resolvidos, mas que um único pecador se converta! Próximo a Deus, aprendemos a enxergar alegria onde aparentemente só há tristeza. São os sinais do Reino que já está presente. A Igreja, como germe do Reino de Deus, deve ser portadora de alegria, sinal de esperança!

Isso nos leva a pensar novamente no **discernimento**. É preciso **escolher** entre viver reclamando que tudo está ruim ou viver agradecido pela vida e pelos dons que recebemos, colocando-os a serviço do outro e construindo um mundo melhor, naquele espaço de responsabilidade que está ao nosso alcance. A escolha é diária e nos faz entender que sempre que optamos pela alegria fazemos da vida uma comemoração!

Assim, engana-se quem pensa que a Igreja do Pai de Misericórdia é uma Igreja melancólica, focada na culpa. Ao contrário, é uma Igreja alegre que nos chama a participar de uma grande festa! Porém, não nos esqueçamos de que o que faz a Igreja não é a organização, mas sim a comunidade, as pessoas. Assim, nossa reflexão não termina com participar da festa. Nossa vocação pessoal é nos tornarmos os anfitriões!

⁴³ NOUWEN, Henri J. M. **A volta do filho pródigo**. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 113.

⁴⁴ *Ibidem*, p.114.

4.4. A Igreja que eu quero é a Igreja que eu faço

Difícilmente ao ler a *Parábola do Filho Pródigo* nos identificamos com o Pai. Costumamos nos ver como os filhos, aqueles que precisam de perdão e de alegria. Pensar que a Igreja deve ser esse lar que nos acolhe é verdadeiro, mas pensar que isso acontece magicamente é um grande erro. Se a Igreja somos nós, então precisamos ler a *Parábola do Filho Pródigo* e entender que somos chamados a ser o Pai! A Igreja só será aquilo que desejamos quando formos pessoalmente a imagem desse ideal!

É certo que empreender este caminho não é uma tarefa fácil. Inclusive, segundo Nouwen, há por parte da Igreja uma pressão sutil para que nos mantenhamos dependentes, nos pressionando a obediência e nos dificultando reivindicar a paternidade espiritual ⁴⁵. De nossa parte, há uma tendência à acomodação, a fugir da responsabilidade. Por isso, é preciso coragem e determinação!

Pouco importa se nos identificamos mais com o filho mais jovem ou com o filho mais velho. Todos somos chamados a nos tornarmos o pai! Nossa vocação é acolher aqueles que se afastaram de Deus sem esperar receber qualquer recompensa por isso. Jesus deu a vida para nos mostrar a misericórdia do Pai. Cabe a nós agora oferecer nossas vidas para revelar esta mesma misericórdia.

É dessa forma que nasce a Igreja do Pai de Misericórdia. Para onde ela vai? Onde isso tudo vai dar? Não sabemos, assim como pai e filho não sabiam o que aconteceria após seu encontro. Eles simplesmente lançaram-se nos braços um do outro. Abracemos também a nossa Igreja e deixemos que ela nos abrace!

⁴⁵ NOUWEN, Henri J. M. **A volta do filho pródigo**. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 133.

CONCLUSÃO

Não há outra forma de iniciar a conclusão deste trabalho a não ser retomando a sua motivação inicial: o meu sentimento de ser um filho da misericórdia. De fato, esse sentimento é a chave de leitura para a reflexão que fiz a partir da vida da Regional Sul da CVX Brasil. Um mero relato do que acontece nessa comunidade poderia passar a impressão de soberba ou a ideia de que esse ensaio foi usado em uma tentativa vazia de me autopromover.

Ao contrário, a cada página que escrevi deste ensaio, tive mais convicção de que o Espírito conduz nossa Igreja, e assim conduz também a CVX, sendo obra sua aquilo que de bom nos acontece. Um grande amigo me diz sempre se lembrar das minhas primeiras participações em Assembleias e Encontros da CVX, e, aos risos, me descreve como aquele que ficava no canto, com a “bandeirinha da oposição” levantada, fazendo duras críticas à “situação” e dizendo exaltado que tudo precisava mudar. A isso se pode somar todos os “desvios de conduta típicos da adolescência”, os quais cometi já como membro da CVX, uma vez que ingressei na comunidade com dezesseis anos. Esses desvios, confesso, me trariam vergonha descrever aqui e pouco acrescentariam ao conteúdo deste ensaio.

Sem mais devaneios, quero chegar ao ponto de que o leitor sinta ao menos um pouco do que me levou a me autodeclarar filho da misericórdia. A comunidade tinha tudo para desconfiar de mim: “já o vi fazendo isso” ou “já o ouvi falando aquilo”. E qual é a resposta que essa comunidade me deu? Acaso ficou me acusando? Acaso me isolou e disse “isso é pra ver se você aprende”? Essa comunidade me acolheu em seus braços, ofereceu a mim o que tem de melhor e me levou a ser seu líder local. Meus méritos? Claro que não! Mérito daqueles que com suas atitudes e gestos me mostraram a verdadeira face de Deus: o Pai Misericordioso que deseja que façamos parte de sua vida.

Ele poderia fazer tudo sozinho! Mas pela misericórdia abre espaço para que o ser humano cresça e se desenvolva. Ele quer que o homem participe do seu projeto. E com a Igreja não é diferente!

A palavra EKKLESIA vem do grego [...] e significa “aviso de convocação” e “assembleia reunida”. [...] Pode ser entendido no sentido ativo de “convocação” e no sentido passivo de “congregação”, deste modo articula o chamado divino e a resposta humana⁴⁶.

A Igreja tem sim origem e continuidade na vontade divina, mas precisa do homem para levar a cabo sua missão. Somos todos chamados a participar desta construção, e responder a isso é uma escolha livre. E, afinal, que resposta queremos dar?

Hoje, “as não respostas” ganham força. Com certeza, é muito mais cômodo omitir-se, tratar a Igreja como “os outros” e assim fugir da responsabilidade. Por outro lado, há aqueles que procuram no seu espaço responder ao chamado divino de constituir Igreja. Por isso, é um

⁴⁶ TEPEDINO, Ana Maria. **Eclesiologia**: iniciação Teológica. Rio de Janeiro: Editora PUCRJ, 2011.p. 15.

prazer inenarrável chegar ao final deste ensaio. Sim, confesso que também pelo aspecto do cansaço. Mas, em especial, porque foi incrível constatar aquilo que era uma intuição: a vida da CVX Sul como verdadeira experiência eclesial, na qual as pessoas fazem a experiência de se sentirem filhos amados e vão assim, pouco a pouco, crescendo em liberdade e assumindo um espaço de responsabilidade.

Nessa confirmação, novos horizontes se abrem. Já não vivemos mais na cristandade, quando supúnhamos que todos eram cristãos e assim desde pequenininhos acostumavam-se a ir à Igreja e respeitar determinados rituais. Assim, não devemos ser uma Igreja que se impõe, devemos ser sim uma Igreja que convida, que dialoga, que transforma e que se deixa transformar. Se a Igreja é feita de pessoas, não podemos imaginar que o crescimento ou diminuição dos fiéis não muda nada. Cada pessoa que entra ou deixa nossa Igreja deveria mudar um pouco a sua cara. Mas, para isso, precisamos que haja espaço para que essa pessoa se desenvolva e deixe a sua marca.

Quando olhamos a *Parábola do Filho Pródigo*, vemos um pai preocupado, que não sossega enquanto não têm os dois filhos juntos em casa. Ele não é indiferente à presença dos filhos. Assim deve ser nossa Igreja, importando-se com cada pessoa que está ausente ou presente: elas fazem a diferença! Se alguém deixar de aparecer e isso não mudar nada para a comunidade, algo está errado. E o contrário também é verdadeiro.

Quais espaços de participação exatamente criar não é uma resposta que posso dar aqui. É uma questão muito própria de cada contexto e de cada situação. Mas a experiência na CVX Sul me faz crer que o espaço se revela sozinho se dermos a abertura para que isso aconteça.

Não devemos ficar tão preocupados com os danos que esses espaços abertos podem causar. Somos todos filhos da misericórdia e os braços do Pai sempre estarão abertos para qualquer um de nós.

BIBLIOGRAFIA

- BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese**: a reinvenção da Igreja. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CARISMA CVX e outros documentos. São Paulo: Loyola, 2005.
- CARVAJAL, Luis Gonzáles. **Nossa fé**: teologia para universitários. São Paulo: Loyola, 1992.
- CATÁLOGO 2011: CVX Brasil – regional Sul.
- MESTERS, Carlos. **Com Jesus na contramão**. 15. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- MIFSUD, Tony. **Libres para amar** – Moral de discernimiento. 5. ed. Santiago de Chile: San Pablo, 1994.
- Nizan Guanaes e Grace Gomes. Certeza. In: Grupo OPA. **Gente Boa**.
- NOLAN, Albert. **Jesus antes do Cristianismo**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- NOUWEN, Henri J. M. **A volta do filho pródigo**: a história de um retorno para casa. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- PAGOLA, José Antonio. **Jesus**: aproximação histórica. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ROSADO, Rafael Henrique Gusso. **O batismo, ser cristão e a vocação CVX**. Curitiba: [s.n.], 2010.
- _____. **Despertar para o encontro**. Curitiba: [s.n.], 2011.
- SANTO INÁCIO DE LOYOLA. **Exercícios espirituais de Santo Inácio**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- TABORDA, Francisco. Eucaristia e Igreja. **Revista Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, ano 17, p. 29-62, 1985.
- TEPEDINO, Ana Maria de A. L. **Eclesiologia**: iniciação Teológica. Rio de Janeiro: Editora PUCRJ, 2011.
- _____. (org.). **Amor e discernimento**: experiência e razão no horizonte pneumatológico das Igrejas. São Paulo: Paulinas, 2007.